

João Pessoa - Número Quatro - Agosto de 2002

Virtuais iniciações: os "iniciados" pelos portões da Internet

Adriano de León

Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Universidade Federal da Paraíba
(Campus I - João Pessoa)

Este texto nasce de um questionamento meu particularmente com o rápido desenvolvimento da rede de comunicação internacional – Internet – e os inúmeros sites sobre religião e esoterismo, seria possível dá-se a iniciação a partir da interação com tais processos comunicativos?

Numa primeira aproximação faz-se necessário percorrer os caminhos da cultura cibernética e nela se iniciar. A Internet, rede de comunicação mundial via computadores, é uma invenção de três grandes grupos de informática: a IBM, a Apple e a Microsoft, a partir da criação, nos anos '60, de uma rede de satélites de comunicação (leia-se espionagem) por parte do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Logo após a queda do Muro de Berlim, o projeto Guerra nas Estrelas e seu imaginário de uma futura guerra espacial cinematográfica (lembremo-nos que Reagan era cria dos estúdios de Hollywood!) não tem mais razão de existir. Morre o projeto. Surge a Internet através da rede de satélites originalmente lançados para monitorar os inimigos do capitalismo americano¹.

É, pois, a partir da criação da Internet que se pode falar de uma cultura cibernética. Esta se realiza a partir de uma dupla possibilidade²: um sistema físico, no que diz respeito aos cabos, conexões, estradas de fibra ótica, servidores e terminais; um sistema virtual, o qual tem relação com os BBS (Bulletin Board Systems), Usenet, IRC (Internet Relay Chat) e sites interativos. Por tal, vê-se que a cibercultura é interdependente da tecnologia numa via de mão dupla: ela só é possível face à tecnologia, mas a própria cultura cibernética cria uma demanda por mais tecnologia (velocidade de transmissão dos dados, adaptação de novas máquinas à Internet, novos programas de varredura, entre outros). Pode-se afirmar, enfim, que a cultura cibernética é um constante estado de fluxo de várias mídias atuando sobre perspectivas reais – os homens e as máquinas – e virtuais – os programas, as identidades dos cibernautas.

A cultura cibernética também significa uma superação das coordenadas de espaço e tempo como a Modernidade os compreende. Em se tratando de uma rede de comunicação, as barreiras naturais do espaço e do tempo sempre implicaram em intervalos mais ou menos longos de remessa de dados³. O desenvolvimento dos meios físicos desde o correio simples ao fax ainda se embatem com a força dos meios de transmissão de dados (o papel, os meios de transporte usuais, a burocracia). A comunicação via rede, além da interação instantânea, permite a digitalização dos dados, que perdem sua massa física ao se transformarem no conjunto binário 0 e 1. Este mundo imaginário que supomos ser real foi responsável por novos comportamentos, novas identidades, novas sociabilidades bem diferentes daqueles presentes no mundo moderno.

Neste mundo onde tudo se digitaliza, novas formas de se religar com a essência cósmica também são construídas a partir da perspectiva de unificar a vasta rede mundial de comunicação com a denominada *Nova Era*. Abre-se, pois, a possibilidade das religações e iniciações virtuais via teclados, mouses, modems e práticas ritualísticas de toda uma sorte de tendências religiosas, místicas e esotéricas.

Em se tratando de iniciações virtuais, não poderia deixar de tecer algumas considerações sobre o panorama atual sobre os modelos de religação, ou seja, o movimento Nova Era.

A confluência do antigo para o novo é um dos principais focos deste debate. A emergência de um discurso da Nova Era ou Era de Aquário, carregado do imaginário do milenarismo⁴, revela a falência de determinados sistemas de pensamento, principalmente da secularização radical por parte da Igreja Cristã, e do Iluminismo por parte da Ciência. Ambos fazem parte do mundo desencantado descrito por Weber⁵, mundo este no qual a religião se revestiu de uma mecânica ritualística própria ao mundo do trabalho, ao lado da ciência que montou um mundo novo com base na razão cartesiana e no ceticismo teológico.

A Internet entra aqui como um revificação do mundo antigo, mas sem a separação entre o sagrado e o profano. Ela é tudo ao mesmo tempo agora. Pode-se iniciar nas mais bizarras práticas sexuais como no mais encantado dos templos.

O mundo do futuro com saudade do passado é o que se vê ao ultrapassar os portões http e www. Tudo é recriação e fusão. Volta à Natureza e ao imaginário da perfeição, do mundo povoado por demônios e anjos. O mundo no qual as terapias alternativas dizem não à superação entre espírito e corpo⁶, pondo em cheque a visão mecanicista de sociedade, tempo e espaço.

Vemos um mundo que Weber não viu: o mundo reencantado, que supera grande parte da epistemologia positivista natimorta. A superação desta epistemologia se deu a partir dos teóricos que marcam a Nova Era e seu lastro: os físicos místicos de Princeton, os seguidores de C. G. Jung, os desconstrutores das metanarrativas das Ciências Sociais. Estas últimas ainda vivem sob os auspícios das boas novas trazidas pelas primeiras. Nós, os ditos cientistas sociais, estamos incapazes de produzir teses sobre este mundo que não estejam atreladas aos modelos das Ciências Naturais e Físicas. Senão vejamos: o panorama que a física relativista e quântica têm apontado compreende teorias que soam mais como metafísica do que como ciência moderna. Desconcertando a teoria newtoniana, físicos como Bohm – teoria holonômica do movimento -, Pribram – concepção holográfica do cérebro -, Prigogine – princípio da auto-organização-, Bell – a interconexão entre objetos e eventos-, e Zeilinger – teletransporte da matéria – têm fornecido uma verdadeira nova epistemologia para todos os ramos do saber⁷.

Toda esta nova teia de conceitos traduzem uma mudança de atitudes da sociedade em relação grandes temas construídos pelas Ciências Sociais: as instituições, o Estado, a religião. Alteram-se os rituais sacros e profanos quando entramos em contato com a rede internacional de comunicação.

Com efeito, o imaginário deste fim de século é uma tentativa de unificar a ciência clássica a modelos esotéricos. Como exemplo posso citar os escritos de J.J. Benítez⁸, a Aeterius Society⁹, a Ordem dos 49¹⁰. Todas estas vertentes significam a busca de outras formas de expressão que não se referem tão somente ao esoterismo em si mesmo, nem tampouco à ciência pela ciência. É uma forma de reconstruir o passado com as ferramentas do presente.

No intuito de fugir da hiper racionalidade a que nos condena a Modernidade, uma verdadeira feira de produtos esotéricos tem sido oferecida pela Internet a quem dela queira tomar parte. Usando apenas um mecanismo de busca simples – o Cadê – encontramos cerca de 43 sites brasileiros nos quais se pode interagir com grupos, pessoas e correntes esotéricas, desde as mais tradicionais até as mais exóticas¹¹.

A tese que defendo aqui é sobre a impossibilidade da iniciação via Internet. Primeiramente, iniciar-se, no léxico esotérico, significa percorrer uma senda de descoberta interior em busca do aperfeiçoamento – o Mestre. Dá-se, assim, via iniciação, um reencontro – o *reiligare* – com a essência total que se prejudga dividida ou perdida¹².

A iniciação é ao mesmo tempo um estado de espírito e uma técnica. Estado de espírito, pois o indivíduo conseguiu compreender os arcanos de uma dada doutrina – a 3ª visão; uma técnica, porque envolve um ritual dos eleitos com exercícios práticos, gestualística própria, simbologia e atitudes reconhecidas pelo grupo de iniciados.

A real impossibilidade da iniciação através da Internet diz respeito ao discurso estratégico que funda todo esoterismo e misticismo: o ocultismo. Ao iniciar-se numa ordem esotérica, o neófito passa por toda uma ritualística que permite a aceitação diante do grupo. Antes de tudo, a iniciação prática é mantida por uma tradição oral e secreta. Assim se mantêm garantidos o sigilo e a pureza da liturgia. Em sendo a rede aberta a todos, mesmo as formas criptografadas são passíveis de uma quebra de sigilo. Quanto à garantia do silêncio, esta é uma impossibilidade real. A iniciação é um contato corporal, nunca virtual. Não há iniciação sem uma semântica do oculto. Palavras, toques e sinais fazem parte de um discurso secreto responsável pelas manutenção das tradições herméticas por milênios. Nos sinais estão ocultas as verdades sagradas contra os não iniciados numa linguagem própria que permite apenas aos qualificados decifrá-las e compreendê-las.

A “iniciação” pela Internet é parte ainda de um mundo desencantado. Antes de mais nada, significa a fé na ciência e a preservação do individualismo na esfera do virtual. A Modernidade, enfim, não consegue realizar-se completamente. Na tentativa de sufocar a magia, as práticas esotéricas, o mundo do ocultismo, ela cria razões para resgatar um passado relegado à superstição, ao mito. Esquecem os homens da ciência que todo saber da Modernidade se fez com as mesmas estruturas dos saberes locais, cotidianos, simples, imaginários. Se hoje elas emergem é porque têm força no discurso do secreto, do imenso, do iniciado.

Bibliografia

- ATLAN, Henry. **Entre o cristal e a fumaça**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- BEN-DOV, Yoav. **Convite à física**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BRENNAN, Richard. **Gigantes da física: Uma história da física moderna através de oito biografias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DERY, Mark. **Escape velocity: cyberculture at the end of the century**. New York: MacMillan, 1996.
- GATES, Bill. **A road to the future**. Nova York: News Press, 1995.
- GILMORE, Robert. *Alice no País do Quantun: A física quântica ao alcance de todos*. Disponível em: <http://www.ucla.ufmk/phys.htm>.
- TERRIN, Aldo N. **Nova Era: a religião da pós-modernidade**. São Paulo: Loyola, 1996.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- _____. **Sociology of religion**. London: Penguin, 1990.
- ZEILINGER, Anton. **Possibilities on teletransportation**. Cambridge: UC Press, 1998.

Notas

- 1) Esta discussão por mais fantasiosa que possa parecer se encontra no livro de Bill Gates, **A road to the future**, 1995, introdução.
- 2) Para uma maior aproximação ao conceito de cultura cibernética, recomendo o livro de Mark Dery, **Escape velocity: cyberculture at the end of the century**, 1996: 14.
- 3) Veja bem a diferença entre enviar dados via correio simples, telex, fax e correio eletrônico.
- 4) O conceito de milenarismo usado por mim, diz respeito ao livro de Jean Delumeau, Mil Anos de Felicidade, 1997: primeira parte, no qual o autor propõe um debate sobre a "nostalgia do futuro", com a expectativa da realização de um mundo perfeito no final dos milênios.
- 5) Veja **A ética protestante e o espírito do capitalismo** e **Sociology of religion** de Weber sobre o tema desencantamento do mundo.
- 6) Um debate maior sobre terapias alternativas e novas conformações do corpo se acha em Aldo N. Terrin, **Nova era**, 1996.
- 7) Há, atualmente, muitas publicações que tratam das teorias citadas de uma forma bastante acessível aos leigos no léxico da Física. Recomendaria os seguintes livros: **Entre o cristal e a fumaça**, de Henri Atlan; **Convite à física**, de Yoav Ben-Dov; **Gigantes da física**, de Richard Brennan; **Alice no País do Quantum**, de Robert Gilmore; **Possibilities on teletransportation**, de Anton Zeilinger.
- 8) J.J. Benítez é um jornalista que fez sucesso ao publicar uma série de quatro livros intitulados **Operação Cavalo de Tróia**, nos quais ele descreve o passado bíblico através de uma experiência de transporte no tempo. É um misto de ficção científica e fatos prováveis, pelos quais o autor tenta defender a tese que inteligências extraterrestres colonizaram o planeta, deixando seus vestígios nos monumentos antigos e textos sagrados.
- 9) Para os membros desta sociedade, somos frutos de uma mutação genética de seres extraterrestres.
- 10) O objetivo desta Ordem é preparar seus membros para a futura migração do planeta Terra.
- 11) Enumero aqui as principais correntes iniciáticas presentes nesta pesquisa: Holos Virtual, Instituto para o Desenvolvimento Humano Integrado, Gnose (várias denominações), Ordem dos Místicos, Lótus, Teosofia, Ordem Rosa Cruz, Complexo Cobalto, Maçonaria, Ordem dos Ascensionados, Chama Violeta, Fundação Arcádia, Órion, Suddha Dharma, Escola Iniciática Ad'Or, Golden Down.
- 12) Há duas principais vertentes na metafísica no que diz respeito ao homem e seu criador: a primeira advoga a tese que o mundo sensível é uma criação de Deus; a segunda diz ser o mundo e os seres uma emanção de Deus. Destas advêm as diferenças entre doutrinas cristãs e doutrinas orientais.